

Princípio Esperança e a Ética Material de Vida¹

Principle "Hope" and The Material Ethics of Life

Antonio Rufino VIEIRA
Departamento de Filosofia da
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Ernst Bloch faz, em sua obra *O Princípio Esperança*, uma profunda reflexão sobre a exigência da prática utópica dos que lutam por mudanças qualitativas da sociedade, visando o que Dussel denomina de uma "ética de vida", isto é, uma "ética crítica a partir das vítimas" que criam o novo. Na perspectiva marxista, desenvolvida por Bloch, ressalta-se a utopia como fazendo parte da estrutura histórica do homem - o que implica, daí, o homem, guiado pelo otimismo militante e esperançoso, buscar o Melhor e quais os meios que ele tem para a construção da sociedade. Nesse sentido, a filosofia de Bloch é um projeto ambicioso que não se limita à crítica da ideologia determinista burguesa, mas que renova o marxismo ao apresentar uma ontologia utópica da esperança.

Palavras chave: esperança, utopia, ética de vida, Bloch

Abstract

In his work *The Principle of Hope*, Ernst Bloch does a deep reflection on a demand from the Utopist practice of those who struggle for qualitative change in society, aiming what Dussel calls an Ethics of life, that is, a critical Ethics from the victims which create the new. In the Marxist perspective, developed by Bloch, Utopia stands out as a part historical structure of man – which implies that man is guided by a hopeful and militant optimism, to search for the Best and for the ways of constructing society. In this sense, Bloch's philosophy is an ambitious project that does not restrains itself to the critique of bourgeois determinist ideology, but it renews Marxism by presenting an Utopist ontology of hope.

Key-words: hope – Utopia – Ethics of life – Bloch.

A utopia faz parte da estrutura histórica do homem: é esta a mensagem da obra *O Princípio*

Esperança do filósofo marxista alemão Ernst Bloch (1885-1977), cujos 3 volumes acabam de ser

¹ Este trabalho, tendo como referência estudo anterior (A. VIEIRA. *O projeto utópico da filosofia da libertação*), se insere na pesquisa "Ética e sociedade: para uma ética material de vida", desenvolvida na Université Catholique de Louvain, Bélgica, contando com o apoio de uma bolsa de pós-doutorado da CAPES, (agosto de 2005 a setembro de 2006); agradecemos a de M. Maeschalck (UCL) e aos membros do Centro de pesquisa fundamental em Ciências humanas, dirigido por Maeschalck, por seus comentários.

traduzidos para o português² Bloch busca demonstrar que o espírito utópico, embora pareça estar divorciado da realidade presente, vislumbra que o “aqui e agora” é preocupante; isto é, a utopia deixa margem a uma real crítica do presente (PE I, 16-20). Ernst Bloch é um pensador da utopia, como diz Laennec Hurbon em seu ensaio sobre Bloch³, sendo considerado como um dos críticos mais corrosivo da cultura ocidental-cristã.

Em Ernst Bloch está presente uma confiança na ação revolucionária, cumprindo a utopia papel importante; ela faz parte dos instrumentos necessários para a mudança da vida cotidiana, orientada para um futuro melhor. É por essa razão que as idéias “incongruentes”, “irrealizáveis”, “utópicas” causam tanto assombro às classes dominantes, que temem que essas idéias se expandam e se concretizem.

Vemos neste autor um pensamento instigador, permitindo que repensados problemas e questões pertinentes à Filosofia da Libertação. Nesse sentido, por ser um pensamento essencialmente crítico, a obra de Bloch permite estabelecer um real diálogo com a Filosofia latino-americana sob a ótica ligada à problemática do homem situado; isto é, às questões político-econômico-tecnológicas. Nesse sentido, parece ser possível ler a obra de Bloch a partir de uma ética material de vida, tal como é desenvolvida por Enrique Dussel em sua *Ética e libertação*, “ética crítica a partir das vítimas (pois) são as vítimas, quando irrompem na história, que criam o novo⁴. Eis aqui o campo fecundo da utopia. Encontramos em Bloch, portanto, uma reflexão aberta à realidade latino-americana, permitindo que, como interlocutor, possamos nos situar quanto à prática utópica dos que lutam por mudanças qualitativas da sociedade. É

preciso, portanto, que analisemos detalhadamente o conceito de esperança concreta, pois assim podemos deixar de lado concepções idealistas, onde o futuro é aguardado sem que o presente seja levado em consideração. A esperança concreta tem suas raízes antropológicas nas insuficiências humanas, por exemplo, na fome e no sonho. A fome, como pulsão básica mais confiável que vida a autopreservação, pode levar à construção (ideal) de uma sociedade onde a abundância e o bem-estar sejam constantes para todos os homens (PE, 11, 68-70); o sonho, por sua vez, quando é sonho diurno, de-olhos-abertos, permite ao homem lançar-se para o futuro, buscando o não existente, mas que poderá existir, dependendo de seu engajamento para que se tome real (PE, 11, 88-114).

1. A esperança concreta

O Princípio Esperança é um desafio para a necessidade de uma recuperação do sentido positivo da utopia, passando desde as denúncias dos utopistas do Renascimento até a prática político-social dos socialistas utópicos (ver, especificamente no vol. 11 do PE, o capítulo 36, “Liberdade e ordem, esboço das utopias sociais”). Segundo a linha de reflexão de Bloch, a utopia não é algo fantasioso, simples produto da imaginação, mas possui uma base real, com funções abertas à reestruturação da sociedade, obrigando a militância do sujeito, engajado em mudanças concretas, visando à nova sociedade. Assim, a utopia se torna viável à medida que possui o explícito desejo de ser realizada coletivamente. Bloch defende que, embora as utopias estejam presentes na vida do homem em

² E. BLOCH. *O Princípio Esperança*. Vol. I (Tradução de Nélio Schneider) e Vol 11 (Tradução e notas de Werner Fuschs). Rio de Janeiro: ContrapontoEd. UERJ, 2005-2006 - no momento da conclusão deste trabalho, foi publicado o volume do PE pela Contraponto Ed. Utilizamos, aqui, o vol. m de *Le Principe Espérance*. Paris: Gallimard, 1991 (O *Princípio Esperança* foi escrito durante o exílio no Estados Unidos, no período de 1938 à 1947, sendo revisto em 1953 e 1959, com publicação definitiva em 1959 pela Ed. Suhrkamp Verlag de Frankfurt an Main). Abreviaremos por PE, I; PE, 11; PE, m, seguindo-se a respectiva página.

³ L. HURBON. *Ernst Bloch, utopie et espérance*, p. 11.

⁴ E. DUSSEL. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*, p. 501. Marc Maesschalck ressalta que nessa obra Dussel interpela as grandes tendências da ética contemporânea, colocando em questão sua relação negativa à dimensão “material” dos valores (M. MAESSCHALCK. *Normes et contextes*, p. 18, n. 7).

todos os momentos, ela só se realiza plenamente no marxismo; ali encontramos a base real para serem eliminados os elementos puramente abstratos da utopia, sendo a única utopia capaz de superar as profundas contradições do sistema capitalista. É, por isso que, ao analisar a relação entre marxismo e antecipação concreta, Bloch afirma que “engajar-se no pensamento do que é justo é uma determinação que precisa persistir mais do que nunca” (PE, 11, 174).

Todavia, são imprescindíveis que existam condições materiais para a concretização do socialismo como utopia, superando, assim, as atitudes abstratas por atitudes concreto-revolucionárias. Daí ser necessária uma análise das possibilidades concretas de realização da revolução socialista, a qual obriga, pelas funções de consciência antecipante, a um otimismo militante para a construção do ainda-não-consciente (ver em PE, 11, 115-176, a discussão sobre “a descoberta do ainda-não-consciente” e a análise sobre “a função utópica”). Bloch demonstra que a realização do ainda-não-consciente só ocorrerá na própria realidade a ser transformada. Aqui se insere a bem fundamentada análise que Bloch faz das teses de Marx sobre Feuerbach (PE, 11, capítulo 19 - “A transformação do mundo ou as *Onze Teses* de Marx sobre Feuerbach”, p. 246-282.), onde destaca, principalmente, a grande relevância dessas Teses para a compreensão filosófica da práxis revolucionária, pois “a humanidade socializada, aliada a uma natureza mediada por ela, significa a reconstrução do mundo como pátria ou lar” (PE, I, 282). A interpretação de Bloch às teses sobre Feuerbach esgata uma tradição marxiana, freqüentemente escamoteada pelos marxistas ortodoxos, qual seja, a questão do humanismo. Daí a necessidade de se compreender o para quê dessa práxis, que nos leva ao humanismo marxista: somente no marxismo se visualizam as condições materiais objetivas para a realização da utopia como humanismo concreto, questão que coroa a análise blochiana de esperança (PE, 11, capítulo 55 - “Karl Marx e a dignidade humana”).

O homem vive, reside ao tempo. Como encontrar, porém, a certeza e a felicidade no mundo? Não podendo aceitar uma situação de eterna dominação, não satisfeito com o tipo de vida em que está situado, busca o homem, o melhor. Bloch volta sua atenção para este dado humano. Por isso, é censurado e destrutado como revisionista por uns e idealista, por outros. Sobrevive, porém, às polêmicas como o autêntico filósofo da esperança concreta. Para ele, a esperança, corporificada na revolução social, anima o homem para além de si mesmo, para além do que existe neste momento, para o que ainda-não-é-consciente, mas que será.

Por esta razão, a transposição efetiva não vai em direção ao mero vazio de algum diante-de-nós, no mero entusiasmo, apenas imaginando abstratamente. Ao contrário, ele capta o novo como algo mediado pelo existente em movimento, ainda que, para ser trazido à luz, exija ao extremo a vontade que se dirige para ela. A transposição efetiva conhece e ativa a tendência de curso dialético instalada na história (PE, I, 14).

Esta citação, retirada do prefácio de PE, já refuta, preliminarmente, uma interpretação de que suponha ser Bloch pensador metafísico, desligado de todo acontecimento político-social, que, de forma alguma corresponde à realidade. Exatamente por ter como preocupação principal, fundamentar a utopia, o princípio dinâmico, orientador para o Novum e o Ultimum, critica duramente aqueles que devaneiam, apegados a um futuro pensado de forma abstrata, sem haver indicação histórica alguma de seu porvir.

A figura de Bloch é, senão contraditória, pelo menos polêmica no âmbito da filosofia marxista. Defensor incontestado do marxismo, com uma rápida passagem por uma sociedade socialista, a República Democrática Alemã, condenado por uns, defendidos por outros, gera, nos seus últimos anos de vida, uma grande discussão sobre a influência de seu pensamento na construção de uma sociedade realmente socialista.

Como observa C. Luzemberg⁵, a filosofia de Bloch é objeto da crítica marxista porque ele assume a utopia como categoria determinante para o agir político. Concordando com Dick Howard⁶, não se pode colocar uma camisa de força, numa atitude esquemática, nas ações e teoria de Bloch. Ele é, dependendo da questão que se apresente, ortodoxo ou heterodoxo. Seguidor incontestado da teoria marxista, se permite, porém, abordá-la com independência, não a repetindo mecanicamente, mas se posicionando, extraindo novas interpretações. Sistemático e engajado nas lutas e na vida intelectual de seu tempo, foi perseguido no início pelos facistas e depois pelos comunistas ortodoxos. Defensor do comunismo da Terceira Internacional, mas tecendo críticas quando achava necessário, recebeu, por isto, censuras tanto da direita quanto da esquerda.

Bloch, opostamente aos considerados ortodoxos, aqueles que seguem dogmaticamente a teoria marxista, tem a coragem de reconhecer a necessidade de se repensar o marxismo em pontos centrais. Segundo ele, os marxistas ortodoxos defendem, também, a idéia da necessidade de uma nova sociedade (socialista), embora pensem que isto acontecerá pelo mecanismos irreversíveis da história. Para eles, as engrenagens sociais e os conflitos entre as classes levarão inevitavelmente a uma sociedade sem classes. Bloch afirma, porém, que a marcha para a humanização, para o da Liberdade, exige uma libertação das classes trabalhadoras, eliminando-se qualquer resquício de alienação. E Bloch é contundente ao relacionar marxismo e humanismo: o conceito de *valor* "humanidade" ainda é perfeitamente mantido por Marx. (...) A expressão 'humanismo real', com que inicia o prefácio de *A sagrada família*, é abandonado na *Ideologia alemã*, em conexão com a rejeição do último resto da democracia burguesa, com a obtenção do ponto de vista proletário revolucionário, com a criação do materialismo histórico dialético. (...)

Quanto mais científico o socialismo, tanto mais concreta é justamente *a sua preocupação com o homem como centro, e a anulação real de sua auto-alienação como alvo* (PE, I, 260-261).

Nesta citação encontra-se um dos exemplos comprovadores da diferença entre a interpretação blochiana e a dos marxistas ortodoxos, que buscam uma cientificidade, negando, muitas vezes, a validade de serem levantadas questões sobre o homem e sobre a sociedade socialista-humanista, prevista por Marx. A esperança, segundo Bloch, respaldado em sua concepção materialista dialética, funda-se numa realidade material que, por sua vez, orienta-se para o futuro utópico. Para Bloch, em toda grande filosofia está presente o elemento esperança; mas, a esperança não pode ser confundida com a espera contemplativa, nem com uma crença abstrata, pacientemente quietista. A esperança é orientada para um fim - o Novum.

Um futuro do tipo autêntico, aberto como processo, é inacessível e estranho a toda mera contemplação. Somente uma maneira de pensar direcionada para a mudança do mundo, que municia com informação este desejo de mudança, diz respeito a um futuro que não é feito de constrangimento (futuro como o espaço de surgimento inconcluso diante de nós) e um passado que não é feito de encantamento. Por isso, o decisivo é que apenas o saber como teoria-práxis consciente diz respeito ao que está em devir e que, por isto mesmo, é passível de decisão (PE, I, 18).

O prefácio de *O Princípio Esperança* (PE, I, 13-28) é verdadeira síntese do pensamento de Bloch relativamente às questões da utopia e esperança; ali está presente sua preocupação quanto ao problema de saber qual o tipo de esperança que o marxismo inspira: de um lado, é uma leitura científico-dialética da totalidade capitalista; de outro, vai muito além,

⁵ C. LUZENBERGER. *Narrazione e utopia: saggio su Ernst Bloch*, p. 15.

⁶ D. HOWARD. "Marxisme et philosophie concrete: situation de Bloch", p. 37.

apontando para um futuro possível, sem com isso, reduzir-se a uma visão idealista, numa mera contemplação da realidade existente. O marxismo, segundo Bloch, é uma teoria que se orienta para a maior realização humana, ou seja, a transformação qualitativa da sociedade, vencendo as barreiras da opressão e da alienação.

Algumas condições básicas são necessárias para que essa esperança não seja mais um termo jogado, ideologicamente, à classe trabalhadora, visando mantê-la ainda mais dominada pelo capitalismo. A utilização de um princípio abstrato, qual nova religião, afastaria as classes trabalhadoras das lutas concretas por uma nova sociedade. Evitando um tal tipo de interpretação, Bloch afirma que a esperança concreta só é realizada com a participação da classe trabalhadora, humanizando a própria sociedade. Já antecipando O *Princípio Esperança*, Bloch escreve no *Espírito da Utopia* (1918, obra revista em 1923), que “é penetrando no fenômeno da esperança do futuro que o mundo, no *focus imaginarius*, na parte mais escondida e inteligível de nossa subjetividade, faz sua aparição”. O privilégio à imaginação, ao subjetivo, o apelo à vontade do homem pela esperança, possibilita que teses desse nível possam ser criticadas por um excesso de romantismo e idealismo. A própria renovação, porém, atuando no marxismo, levanta temas como subjetividade e futuro, apresentados de uma forma radical.

A nossa época é a primeira a possuir os pressupostos socioeconômicos para uma teoria do ainda-não-consciente e do que está relacionado a ele no que-ainda-não-veio-a-ser do mundo. O marxismo sobretudo foi o pioneiro em proporcionar ao mundo um conceito de saber que não tem mais como referência essencial aquilo que foi ou existiu, mas a tendência do que é ascendente. Ele introduz o futuro na nossa abordagem teórica e prática da realidade (PE, I, 141).

Nessa mesma perspectiva, Bloch observa que “Marx investiu mais de nove décimos de seus escritos na análise crítica do agora, abrindo relativamente pouco espaço para *adjetivações* do futuro” (PE, II, 175). Todavia, ressalta: faltam conscientemente as *adjetivações* propriamente ditas do futuro (...), e faltam conscientemente pela exata razão de que toda a obra de Marx serve ao futuro, sim, porque na realidade só pode ser compreendida e concretizada no horizonte do futuro, mas não como futuro pintado em cores abstrato-utópicas. Pelo contrário, como futuro que é iluminado de forma materialista-histórica sob e a partir do passado e da atualidade, portanto, das tendências atuantes e persistentes, a fim de ser dessa maneira um futuro conscientemente moldável (PE, 11, 175-176).

Críticos já haviam encontrado o caráter utópico do marxismo, identificando-o como um utopismo abstrato, negativo. Bloch, em sua tarefa revalorizadora da utopia⁷, atribui, também, tal conceituação ao marxismo; todavia, numa atitude positiva, pois o fundamental é o futuro, um futuro que não se realiza por fatalidade, num historicismo vulgar, mas por uma necessidade histórico-concreta. De um lado, a esperança não é uma espera passiva, mas se dá através de uma construção, onde o passado e o presente contribuem para o surgimento do novo; de outro, exige a participação de todos os homens, engajados no processo revolucionário. Na texto *Direito natural e dignidade humana*, de 1960, Bloch precisa que o marxismo descobre no ser social do próprio proletariado o processo do qual é preciso tomar consciente a dialética real para chegar à teoria da prática revolucionária e, pois, à práxis do ideal revolucionário. O ideal é aqui posto pela tendência, não pela abstração de uma teoria, e retificada pela práxis da tendência, a níveis mais e mais profundos da realidade⁸.

⁷ E. BLOCH. *L' esprit de l' utopie*, p. 216.

⁸ E. BLOCH. *Droit naturel et dignité humaine*, p. 201-2

Bloch SÓ admite a revolução criada pela imaginação, quando for posta em prática, retificada, por sua vez, pela práxis (embora o ideal revolucionário permaneça nesse processo). Quem anima a revolução é a esperança que o homem tem de um mundo melhor⁹. Permanece, assim, o próprio princípio da necessidade utópica de mudança: a esperança de um futuro melhor, a nova sociedade. Bloch, ao mencionar o projeto de esperança, o Novum, guiado pelos princípios fundamentais do marxismo, apresenta o socialismo, como realização total da Nova Sociedade. Ele indica limites no pensamento marxiano, quanto à ideais que, embora não realizados, clamam por realização. A práxis transformadora exige, por seu turno, uma inspiração obtida, sem dúvida, nesses ideais que, apesar de não realizados, mantém seu grau de apelo, atraindo principalmente os ofendidos e oprimidos em busca de justiça, liberdade, solidariedade. Neste aspecto, a “herança tricolor: liberdade, igualdade e fraternidade” é mais uma norma do que propriamente um fato histórico, embora se faça presente aqui e ali, onde haja o processo revolucionário¹⁰.

Uma nova questão se impõe, quando se investiga como a esperança concreta surge, se por um critério puramente subjetivo, ou se por condições objetivas. A esperança, muito embora tenha um princípio subjetivo, é fundada na práxis histórica, pois as condições sociais apontam em direção ao futuro que, imaginando, se toma real a partir da análise do presente e do passado. Manter os momentos estanques será admitir, ou a irreversibilidade da história (numa atitude francamente pessimista quanto à força histórica do homem - o homem sujeito da história), ou um individualismo frustrante (onde a força do homem só é compreendida em função de homens “eleitos”, únicos fazedores da história).

Partindo-se, portanto, da idéia de que a esperança concreta não se esgota em uma realização

particular, mas estimula constantemente a ação do homem que constrói o futuro, entende-se o porquê do predomínio do espírito utópico sobre o factua¹. Não se pode, entretanto, permanecer apenas no aspecto da imaginação, exigindo-se a sua realização, corrigi da, posteriormente, por novas realizações. Isso indica que a esperança concreta não realizada deixa um vazio no homem. A esperança aparece nas mínimas atitudes humanas (mesmo naquelas em que o sujeito, conscientemente, não aceita mudança): na busca da alimentação, do vestuário, da habitação, do direito ao trabalho, buscando-se atingir uma sociedade verdadeiramente humana (questão central da ética material de vida).

Expectativa, esperança e intenção voltadas para a possibilidade que ainda não veio a ser: este não é apenas o traço básico da consciência humana, mas, refitificado e compreendido concretamente, uma determinação fundamental em meio à realidade objetiva como um todo. Desde Marx não existe mais investigação da verdade e nem juízo realista que possam esquivar-se dos conteúdos subjetivos e objetivos da esperança no mundo (PE, I, 17).

A questão que hora se apresenta, um dos problemas fundamentais do pensamento blochiano, é saber da possibilidade de compreender a importância do aspecto subjetivo, no movimento objetivo da história. Se a esperança é o princípio pelo qual o homem supera subjetivamente o real, ultrapassando-o no momento que permite a tensão para o futuro, isto não significa afirmá-la como princípio abstrato; embora seja um “vivido” subjetivo, o futuro deve ser construído objetivamente sobre condições históricas. A questão se reveste de complexa dificuldade, pois implica a relação dialética entre o sujeito e o objeto¹¹. No caso da esperança, acrescenta-se um outro problema:

⁹ Nesse sentido, Dussel, afirma, com razão, que “Bloch desenvolveu *durante toda a vida* o momento crítico positivo do projeto de libertação” (E. DUSSEL, op. cit., p. 457 - grifo nosso).

¹⁰ E. BLOCH. *Droit naturel et dignité humaine*, p. 158.

¹¹ Veja-se o estudo de Bloch sobre Hegel (de 1949, com versão aumentada em 1962): *Subjet-objet*, especialmente o Capitulo 25 - “Dialética e esperança” (p. 483 ss).

compreender como um estado subjetivo pode relacionar-se com o ainda não acontecido.

Se o mundo presente está se fazendo, é porque este limite pressupõe a existência de uma possibilidade real; a esperança nasce, portanto, da própria impotência e imperfeição humana. Eberhard Braun, contemporâneo de Bloch na Universidade de Tübingen, afirma acertadamente que a esperança é, para Bloch, um princípio, não um simples estado subjetivo da consciência: como princípio, ela caracteriza justamente uma certa concepção objetiva de mundo. [...] A esperança e porvir não poderiam encontrar o terreno se não fossem fundamentados na realidade, o que significa para Bloch: na matéria¹².

Uma das tarefas de Bloch consiste em explicitar o princípio esperança como um instrumento objetivo para o homem construir um futuro concreto. Se o futuro ainda-não-é-acontecido, como se esperar pelo que não é, numa esperança correta? Se, como frisa Bloch, a esperança por si só não é a garantia para o surgimento do novo, é porque ela deve ser baseada em um processo transformador, o qual é identificado como o otimismo militante. Donde se pode inferir que, se o futuro não é algo que passivamente deve ser esperado, há um elemento que intervém na esperança, orientando-a: a razão. Na fórmula blochiana: “a razão não pode florescer sem a esperança, nem a esperança pode falar sem a razão; ambas em uma unidade marxista” (PE, 111, 549); indica assim, o papel ativo da esperança esperada.

A esperança pelo ainda não-ser implica num engajamento para sua real e possível concretização, mediado, por conseguinte, por uma ativa e racional esperança, a *docta spes*, a “esperança compreendida em termos dialético-materialistas” (PE, I, 20).

Percebe-se, assim, que a esperança não é um princípio meramente psicológico, mas uma fundamental determinação da realidade objetiva em geral.¹³ Por que aspirar a mudança? Qual a origem desta aspiração? Como ela se concretiza? Constantemente, existe a referência à esperança concreta (numa clara oposição à crença cega, passiva) como algo ontologicamente humano. Segundo Bloch, a esperança encontra-se no limiar da insatisfação do homem perante a sua condição histórico-social. É assim, por exemplo, que se pode afirmar, após analisar os limites humanos, que é muito bom o homem ser imperfeito, diferenciar-se dos animais por não ser acabado, pois só assim pode fazer algo.

É nossa grandeza, como homens, de não termos nascidos completos, não apenas enquanto crianças, mas também enquanto espécie. Por outro lado, também é duro para nós de se ver compreendido como processo de devir que avança tão lentamente¹⁴.

Esta contradição humana orienta o caminhar do homem: sentir-se incompleto e, ao mesmo tempo, não saber para onde ir. Nesse caminho pode cair no viver-por-viver, ou, estimulado pela esperança, fazer-se constantemente, pois “também o homem maduro, sempre que não é um miserável ou inculto, aperfeiçoará constantemente sua vida, não a terminará nunca” (PE, 111, 14). A insatisfação consigo mesmo faz com que a pessoa se oriente para o futuro, sem o qual sua vivência se assemelharia à dos próprios animais. Como já observaram Marx e Engels, os homens, diferentemente dos animais, produzem os seus meios de existência, produzindo imediatamente a sua própria vida material¹⁵. A insuficiência orgânico-humana com que o ato de viver seja um ato histórico, onde o ontem, o hoje e o amanhã não sejam apenas dias que ocorrem sem sentido.

¹²E. BRAUN: “Possibilité et non-encore-être: l’ontologie traditionnelle et l’ontologie du non-encore-être”, p. 158. Veja-se também S. ZECCHI. *Ernst Bloch: Utopia y esperanza en el comunismo*, p. 219, onde o autor tenta explicitar o sentido de realidade objetiva da esperança, definida pela relação matéria-possibilidade-objetivo-real.

¹³Sobre este tema, ver W. HUDSON. *The marxist Philosophy of Ernst Bloch*.

¹⁴E. BLOCH. *Sujet-objet*, p. 483.

¹⁵Cf. MARX e ENGELS. *A Ideologia Alemã*, 1. p. 19.

A esperança não é, para Bloch, conceito negativo que nasce do sentimento da importância humana; ela se manifesta no próprio movimento do sujeito para o ainda-não-consciente, o “que ainda-não-veio-a-ser”, confrontado com os antagonismos e contradições do presente. Este confronto confere à esperança a concretude, pois o seu conteúdo só pode ser encontrado, não em uma transcendência, onde os absurdos do mundo são explicados, mas nas próprias contradições históricas da humanidade. O *Novum*, assim, deixa de ser algo puramente esperado, numa atitude cômoda de aguardar, mas é buscado com afinco, através do esforço construtor, por algo que valha realmente a pena fazer: uma morada digna do homem. É a esperança animando todo e qualquer movimento social dos oprimidos, pois eles sabem que algo melhor é possível. Como precisa Bloch, “o que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários” (PE, I, 18). A esperança é instrumento objetivo, ajudando o homem a superar o medo das conseqüências de um possível ato libertador, além de ajudá-lo a superar a atitude niilista de negação do mundo.

Pulsões históricas e a esperança: a fome e o sonho acordado o homem é um vasto campo de pulsões, as quais não podem existir sem o suporte corporal (PE, 11, 52 ss.). Segundo Bloch, existem diferentes concepções da pulsão fundamental no homem entre elas, o instinto sexual, o instinto de poder. Todavia, “a autopreservação - tendo a fome como expressão mais evidente - é a única pulsão fundamental que dentre as várias, seguramente merece este nome” (PE, 11, 69). A carência humana, manifestada no próprio ato de o homem situar-se no mundo, faz com que todas as relações sejam problemáticas, inclusive o ato de comer. Para Bloch, a primeira raiz da esperança está no ato de o homem ter consciência da fome que, dentre todas as necessidades, é a mais urgente.

Um ser humano sem alimento perece, enquanto é possível viver sem desfrutar do amor pelo menos por algum tempo. (...) Mas o desempregado que está sucubindo, que há dias nada comeu, realmente foi levado à situação de necessidade mais antiga de nossa existência e a torna visível (PE, 11, 68).

Parece uma ingenuidade citar um fato tão corriqueiro como sendo uma das tensões básicas do homem, a “primeira raiz da esperança”. O problema do homem concreto resume-se, no entanto, nisto: saber o que vai comer, no amanhã, mas hoje. A luta pela subsistência passa, em primeiro nível, pelo estado de pura necessidade biológica. Então, o que há de mais filosófico do que preocupar-se com o homem situado em seus problemas mais angustiantes? O discurso filosófico não pode idealizar o homem, falar do homem abstrato, escamoteando a realidade social, tema este visto sob a perspectiva da ética material de vida como fundamental¹⁶.

O viver supõe um mínimo de condições, afim de que o corpo se mantenha forte. Assim, como não são muitos os que podem comer uma vez por dia, a questão que se apresenta ao homem é a de saber “como permanecer saudável, como se alimentar bem e barato” (PE, 11, 10). A simples constatação de que a fome é originária faz da busca do alimento para o hoje uma luta, pois o homem tem consciência de que não é possível colher só para um dia, devendo prover-se para o amanhã. Providências devem ser tomadas a fim de prevenir a fome, que vai reaparecer, gerando daí a produção do modo de vida do homem, o que, com o aumento da população, “pressupõe a existência de relações entre indivíduos”¹⁷ condicionados pela própria produção.

A busca do que comer constitui, inicialmente, um enfrentar o mundo; não são suficientes sonhos

¹⁶ É assim que compreendemos a ética subjacente e implícita da análise econômica que Marx faz do capitalismo, uma ética material de vida, visto que “a atitude humana escolhida por Marx não é portanto geral e abstrata, pois ela tem um *destinatário* preciso: ela se dirige exclusivamente para os dela têm necessidade” (PE, I, 537), os excluídos e vítimas do sistema.

¹⁷ MARX e ENGELS. *A ideologia Alemã*, I, p. 19.

escapistas, como os apresentados pelo paraíso denominado Cucana pelos ibéricos, Cocagne pelos franceses, país de Jauja pelos alemães; sem esforços, os homens teriam satisfeitos os apetites com abundância de alimentos, onde “todas as coisas e todos os sonhos estão disponíveis como bens de consumo” (PE, II, 29-30). Nessas “utopias populares”, estão presentes os primeiros críticos a uma sociedade opulenta. Pelo fato de os pobres terem sido deixados fora do processo histórico, elaboram sonhos escapistas: pelo menos sonhando, não passam fome, já que esperam por um mundo melhor onde haja abundância de alimentos. Imaginam um mundo, que não o presente, onde a fartura seja uma constante, onde os próprios alimentos se anunciem - “gansos quentinhos, quentinhos”. “O povo prosseguiu desenhando alegremente seu conto de fada mais nutritivo, seu modelo utópico mais marcante” (PE, II, 30).

Uma saída escapista, sem dúvida, para resolver um problema concreto é o sonho de um mundo melhor. A ineficiência disto, no entanto, consiste em jogar, não no futuro possível, mas na pura abstração inalcançável, a solução de um problema concreto. Permanece, contudo, mesmo por trás da apresentação de um mundo dionisiaco, uma leitura negativa, onde se denuncia a situação de fome em que grande parte da população vive.

A fome revela-se como real instrumento para mostrar os limites do homem. É bom lembrar como o princípio esperança está ligado ao ato de o homem perceber-se não isolado no mundo (embora a sensação da fome seja individual), pois o que um come pode ser consumido por outro. Há, portanto, a abertura para a presença do outro. Alguns, porém, alimentam-se demais: “um corpo saciado não precisaria se lamentar” (PE, II, 29),¹⁸ podendo até gerar o

aniquilamento de seu ser, ao ter uma existência parasitária e vegetativa.

Outros, pouco, ou nada, têm para comer. Quem mais sofre é o que não tem o que comer; para este, cada dia é um drama que se repete, numa busca insana, enlouquecedora pelo alimento. “A queixa da fome é e fato a mais forte, a única que pode ser apresentada sem rodeios” (PE, I, 68).

Tendo o homem se saciado biologicamente, pode preocupar-se com outros problemas de ordem material e espiritual. Reza a tradição filosófica, que é condição inicial para o filosofar o homem ter satisfeitas as suas necessidades básicas. Pelo ato de nutrir-se, o homem percebe o seu semelhante, o rosto do outro, pois, mesmo na busca incessante pelo alimento, procura-o não apenas para si, mas para sua família, filhos, parentes, amigos ... Este perceber consciente, de que também o outro deve alimentar-se, possibilita o surgimento dos primeiros esboços de utopias sociais: se existem alguns que comem muito, e outros que nada comem, é porque persiste um clima de injustiça social. Apenas numa sociedade fraterna, solidária, igualitária, em nível internacional, as distorções, como a fome, serão eliminadas, isto é, quando os homens poderão produzir, de acordo com suas capacidades e consumir, segundo suas necessidades¹⁹.

A questão da fome, embora não resolvida em sua conotação prática, leva a uma outra. Suponha-se que o homem tenha satisfeito os seus desejos de ordem biológica, mas continue insatisfeito com a sociedade, com o tipo de vida que leva. Este homem sonha. Através do desejo, o homem representa algo melhor estimulando a ação. Como isto é possível, se o homem está por todos os lados, presos a fortes cadeias? Somente sonhando. Não um sonho que se volte para o passado, tal como é analisado por Freud, mas um

¹⁸É nesse sentido que a crítica de Bloch à psicanálise deve ser entendida: “as preocupações de encontrar alimento era para Freud e seus clientes a mais sem fundamento. O médico psicanalista e sobretudo seu paciente provém de um estrato médio que até recentemente não precisou se preocupar muito com estômago” (PE, I, 68).

¹⁹ E. Bloch, *Droit naturel et dignité humaine*, p. 225.

sonho-de-olhos-abertos, o sonho diurno, o sonho acordado²⁰, pois, “nenhum ser humano jamais viveu sem sonhos diurnos, mas o que importa é saber sempre mais sobre eles, e, desse modo, mantê-los direcionados de forma clara e solícita para o que é de direito” (PE, 11, 14).

Precisando que o sonho diurno não é um prelúdio do sonho noturno (PE, 11, 89 ss.) -para a psicanálise não há diferença, pois os sonhos acordados são esboços dos sonhos noturnos-, Bloch pretende mostrar a autonomia do sonho diurno que é o esboço, não do sonho noturno, mas de antecipação concreta do futuro. Seu conteúdo é a realidade presente, embora o indivíduo, utilizando-se apenas da imaginação, construa a antecipação do futuro, passando desde o sonho mais infantil e rudimentar até o mais responsável, lúcido, ativo e engajado na realidade.

O sonho diurno possui quatro características (PE, I, 89 ss.): em primeiro lugar, ele parece como uma técnica que o homem possui para se distinguir do presente imediato e esboçar de maneira imaginária uma outra situação; o autor do sonho diurno é animado pela vontade de um mundo melhor; essa consciência varia segundo a intensidade da própria vontade, levando até a projetos concretos. A segunda característica do sonho diurno (tão ligada à primeira que Bloch apresenta no mesmo bloco de características) está relacionada a sua crítica à análise freudiana de sonho noturno, onde o Ego é eliminado; o Ego, no sonho diurno, está sempre presente. Portanto, a imaginação atua com a permissão da consciência; é um ato em que a reflexão toma parte, estando guiado pela sabedoria da experiência. Em terceiro lugar, no sonho diurno busca-se sempre a melhoria do mundo e do cotidiano; aqui o homem não se prende apenas a sua individualidade, mas engloba outros egos; isto é, em comunidade com os outros eus e busca a perfeição

do mundo. O sonho diurno possui, portanto, dimensões utópicas, pois a consciência se dirige para um mundo novo e bom, para “a melhoria do mundo”. Finalmente, no sonho diurno persegue-se o objetivo visado até o fim. Desta forma, aquilo que era apenas aspirado toma-se uma expectativa, renunciando-se a toda satisfação fictícia ou à sublimação. Por esta razão, o sonho diurno tem um conteúdo de esperança utópica, pois, como persegue resolutamente seu fim, não pode ser confundido com a ilusão; ele é acompanhado de reflexão, na qual a imaginação utópica se abre para um mundo ainda imaginário de uma possibilidade concretizável. Todavia, se todos os homens sonham, nem todos, porém, sonham com o possível.

A pessoa fraca apenas sonha sem sair de si. A pessoa valente atua, sua força se projeta para o exterior. Se o valente não se limita a girar em torno de si mesmo, ele também tem o seu sonho. Também ele projeta para o exterior os desejos e objetivos que, em princípio, só se encontram em sua cabeça (PE, 111, 126).

Esperança e utopia

Como vimos, segundo Bloch, a esperança é algo tipicamente humano, pois permite que o homem transcenda o real ao superá-lo. Os limites da esperança encontram-se na própria imperfeição humana. Assim, aqueles sonhos escapistas tentam resolver uma questão fundamental para o homem; encontrar uma sociedade onde não haja a fome. Por outro lado, os sonhos diurnos permitem aspirar, concretamente, por uma sociedade justa. A esperança, atuando sobre uma realidade objetiva que virá, permite ao homem uma saída para o futuro. Bloch deixa claro, porém, que essa saída não ocorrerá gratuitamente, mas por um processo, onde estejam engajados todos os militantes,

²⁰Para um melhor entendimento da relação entre a teoria psicanalítica e o pensamento de Bloch, veja-se C. PIRON-AUDARD. *Anthropologie marxiste et psychanalyse selon Ernst Bloch*, p. 109-120.

entre eles os filósofos, para a construção do devir. Segundo ele, os princípios da esperança abrem caminho para a compreensão ontológica do ainda-não-consciente, permitindo verdadeiras antecipações do futuro. Para Bloch, “só o marxismo impulsionou a teoria prática de um mundo melhor, não para esquecer o mundo existente, como ocorria na maior parte das utopias sociais abstratas, mas para o transformar econômico-dialeticamente” (PE, m, 494-5).

A análise dos princípios originários da esperança permite-nos compreender que ela é constitutiva do ser humano, não como uma espécie de essência abstrata, mas sim acontecendo na prática social daqueles que buscam modificar o estado de coisa vigente. Nesse sentido, a esperança concreta é fundada na realidade humana, sem, contudo, negar as contradições que pertencem à própria condição histórica do homem. Este é o conteúdo ético da utopia²¹

A abordagem blochiana do tema “utopia²²” permite que se perceba como a busca por uma nova sociedade é algo que sempre interessa às classes populares, àquelas que sem nada terem a perder, porque nada possuem,²³ reivindicam seus direitos enquanto homens: a liberdade, a igualdade e a fraternidade, valores que permanecem restaurados, sendo orientadores de uma práxis transformadora da sociedade, à medida que não são tomados apenas num sentido jurídico-formal, mas numa realização concreta. Há algo que anima o movimento social das classes populares, algo que não se resume só no desejo inconsciente de querer só o que seja diferente. A

organização e a luta dos oprimidos, embora as condições histórico-materiais ainda não estivessem amadurecidas serviram como instrumento para abalar as estruturas fechadas das sociedades. Segundo Bloch, questionar sobre a utopia implica, também, pensar sobre nossa existência. Ele, já tinha situado esta questão no *Espírito da Utopia* de maneira bem radical.

A questão sobre nós mesmos é o único problema, a resultante de todos os problemas do mundo. O *princípio fundamental da filosofia utópica é a apreensão em todas as coisas do problema do Ele e do Nós, pórticos de retorno, que se abrem, como num bater de asas, através do mundo* [...] Só assim a filosofia começa, enfim, a não ser somente conscienciosa, mas a pressentir porque tomar consciência. Sua memória, seu messianismo, sinteticamente *a priori*, criam, enfim, o reino da única verdade verificável. No mundo, contra o mundo e sua magra verdade factual, a filosofia começa a procurar, a ativar e a cumprir os traços e as aproximações concêntricas da utopia²⁴.

Já se pode perceber a posição de Bloch ao afirmar a possibilidade da utopia como condição verdadeiramente humana. O conteúdo da utopia implica colocar em questão o próprio homem. A idéia de um mundo melhor orientou ações concretas visando a transformá-la em realidade, sucedendo daí freqüentes fracassos. Desses insucessos advém o sentido pejorativo e irônico atribuído à utopia. Afirma-se, de modo geral, que as utopias, cuja realização foi tentada, fracassaram; outras, nem saíram dos livros. As críticas à utopia, enquanto forma de pensar abstrato, estão ligadas,

²¹Fazendo uma aproximação sintética das ofertas e demandas das éticas, Maeschalck ressalta a existência de éticas que “privilegiam o caráter auto referencial da justificação ética seja colocando valores cardiais, possibilitando a garantia de um campo de ação da pessoa na sociedade (paz, segurança, tolerância), seja formulando convicções susceptíveis de levar à utopia criativa da vida boa com o outro, utopia da qual ela é portadora pelo fato mesmo de seu poder de composição e de alianças com seus semelhantes” (M. MAESSCHALCK. Op. cit., p. 19-20).

²²Em uma conferência proferida na Universidade de Tübingen, em 1967, dirigindo-se a estudantes alemães desejosos de se iniciarem nos conceitos elementares de sua filosofia da utopia, Bloch condensou ao máximo suas teses expressas nos três tomos de *O Princípio Esperança* em uma linguagem simples e compreensível para todos: “o lugar, o topos da utopia e a significação da utopia em geral” (apud MUNSTER. *Figures de l'utopie dans la pensée d'Ernst Bloch*, p. 44).

²³Lembremos o famoso aforisma do *Manifesto Comunista*: os proletários nada têm a perder: só têm a ganhar em um processo revolucionário (cf. K. MARX e F. ENGELS. *Manifesto comunista*. p. 30).

²⁴E. BLOCH. *L'esprit de l'utopie*, p. 250.

filosoficamente, a uma abordagem “objetivista” da realidade. Por isso, afirma-se que a utopia ignora os fatos, escapando à objetividade do mundo, ao tentar subordinar a realidade a esquemas e planos abstratos, sendo, assim, puramente subjetivista. Nesse aspecto, ao recusar o conhecimento objetivo da realidade, por não poder “falar” sobre ela, a utopia parece ser irracional, imatura, não conseguindo estabelecer os limites do possível. Assim, as utopias são apresentadas também pelo senso comum, como irrealizáveis, não objetivas, irrealistas, não práticas, abstratas, etc.

Contudo, ressalta Bloch, toda utopia abala a segurança dos defensores do status quo. No seu estudo sobre o pensamento de Ernst Bloch, W. Hudson chega à pertinente observação de que os críticos consideram a utopia “não é apenas irrealista e impraticável, mas potencialmente perigosa”.²⁵

A utopia é escrita com o explícito desejo de que se realize, senão já, pelo menos num futuro. Nela indica-se que há um “melhor possível” e não que o “melhor é possível”. Essa diferença é muito significativa, pois supõe um outro tipo de abordagem acerca da utopia, como o faz Ernst Bloch: a utopia não indica um mundo real-factual imaginado, mas sim as possibilidades de mudança, calcada na realidade presente. Nesse sentido, a utopia não é um simples exercício intelectual, como sugere R. Ruyer;²⁶ ela possui outras funções mais abertas à reestruturação da sociedade, apelando para a razão a fim de que sejam feitas mudanças concretas de atitude. Exige, portanto, a militância do sujeito na construção dessa nova sociedade. A utopia mostra a viabilidade do futuro, partindo da denúncia do presente; não fica, assim, exclusivamente no plano da análise.

Bloch pensa que a utopia possibilita ao homem lançar-se para além do presente, destruindo, de um lado, a concepção nihilista e derrotista, que não acredita na possibilidade de mudanças significativas na sociedade; de outro, destrói, também, a concepção conservadora, que vê com maus olhos qualquer tentativa de mudança. Negar o presente não significa negar a história, pois os projetos são apontados como condições necessárias para que o homem ultrapasse os limites impostos pelo sistema em vigor.

Considerações Finais

O marxismo de Bloch é melhor entendido como crítica à tradição marxista ortodoxa, a qual, em nome da prática revolucionária, degrada, num esquematismo pragmático, a imaginação revolucionária; tal atitude leva a degenerar o marxismo em um dogma, tomando-se o pensamento de Marx apenas pela metade ao privilegiar um naturalismo cientificista das “leis da história”. Neste sentido, as mudanças são reduzidas apenas às dimensões do economicismo; elas são concebidas, portanto, estreita e exclusivamente pelo prisma social e econômico. Essa posição acarreta, assim, uma profunda desvalorização do próprio homem, à medida que ele é reduzido a mero objeto determinado do processo histórico. Para corrigir esta distorção da tradição do marxismo, Bloch pretende “reabilitar radicalmente a utopia como uma categoria fundamental, política e filosófica”.²⁷ Ele visa, portanto, ao destacar a importância da imaginação revolucionária, “encontrar a herança intacta” do marxismo²⁸. Como precisa Ruyer, Bloch, ao encontrar o método que permite afirmar uma “esperança materialista e dialética”, “constitui uma obra prima ao colocar em vigor a

²⁵ W. HUDSON. Op. cit., p. 50. As utopias são combatidas pelos defensores da ordem estabelecida “com um ardor que só se justifica pelo medo de que elas possam ser realizadas a qualquer momento”. (Z. SZACHI. *As utopias ou a felicidade imaginada*, p. 4). Essas posições estão próximas ao pensamento blochiano, ao mostrar a importância da utopia para a reestruturação da sociedade, superando a atual em vista da verdadeira.

²⁶ Ruyer, em sua análise pessimista das utopias, só as admite como um jogo teórico, especulativo, cuja prática é, senão impossível, muito distante da realidade. (R. RUYER. *L'utopie et les utopies*, p. 4-8).

²⁷ W. HUDSON, op. cit., p. 49.

²⁸ E. BLOCH. *L'esprit de l'utopie*, p. 11.

racionalidade marxista” que “é a mais forte campanha empreendida até os dias de hoje para ultrapassar a racionalidade dominante²⁹. Em Ernst Bloch está presente uma confiança na ação revolucionária, cumprindo a utopia papel importante; ela faz parte dos instrumentos necessários para a mudança da vida cotidiana, orientada para um futuro melhor. É por essa razão que as idéias “incongruentes”, “irrealizáveis” causam tanto assombro às classes dominantes, que temem que essas idéias se expandam e se concretizem.

A crítica dos filósofos oficiais, segundo os quais Bloch tem “particular predileção pelo pensamento do jovem Marx, enquanto que o Marx maduro de *O Capital* só aparece considerado como um economista que nada tem a dizer aos filósofos³⁰, é improcedente. De fato, a obra blochiana não se subordinava ao dogmatismo da filosofia oficial marxista, a ditada pelos antigos Partidos Comunistas, de modo especial o soviético. Não restam, porém, dúvidas de que sem Bloch, e outros filósofos que não seguiam a linha oficial do partido, o marxismo contemporâneo estaria bem pobre. Concordando com C. Luzenberger³¹, observamos que a filosofia de Bloch é um projeto ambicioso que não se limita à crítica da ideologia determinista burguesa, mas contribui para uma verdadeira e própria cosmologia e ontologia utópica de cunho marxista.

A obra de Bloch pode ser lida, quanto a este aspecto, esperando nela encontrar, não a “luz” para interpretar a realidade latino-americana, mas sim um instrumento válido, que auxilie o filósofo a engajar-se mais e mais na árdua tarefa da humanização da sociedade; na perspectiva da ética material de vida a “herança tricolor: liberdade, igualdade, fraternidade” não é apenas um ideal vazio de conteúdo, mas indica o caminho da libertação: ajudar o homem latino-

americano a descobrir as causas de sua alienação. Como precisa Hurbon “cremos que nas tarefas urgentes de desconstrução do imperialismo ocidental, a filosofia da utopia elaborada por Bloch oferece perspectivas favoráveis aos militantes dos países do Terceiro Mundo que querem romper com o código da racionalidade ocidental”³².

A abordagem filosófica dos marxistas heterodoxos, dentre eles a de Bloch, é muito sugestiva para os pensadores latino-americanos; ela não vem tolher nem limitar as suas “raízes autóctones”, mas é um instrumento válido, para que eles reflitam dialéticamente sobre o ainda-não-consciente, sobre o Novo. É essa, também, a contribuição que se deve procurar na obra blochiana, válida para a ética material de vida.

Referências

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. I e II. Rio de Janeiro: Ed. UERJ / Contraponto, 2005-2006.

———. *o Le Principe Espérance*. m. Paris: Gallimard, 1991.

———. *o L'esprit de l'utopie*. Paris: Gallimard, 1977 (version de 1923, revue et modifiée).

———. *o Sujet-objet: éclaircissements sur Hegel*. Paris: Gallimard, 1977.

———. *o Droit naturel et dignité humaine*. Paris: Payot, 1976.

BRAUN, E.: Possibilité et non-encore-être: 1'ontologie traditionnelle et 1'ontologie du non-encore-être. In RAULET, G. (org.) *Utopie-Marxisme selon Ernst Bloch*. Paris: Payot, 1976.

²⁹ G. RAULET. *Humanisation de la nature, naturalisation de l'homme*, p. 20.

³⁰ K. HAGER: apud S. ZECCHI. Op. cit., p. 55.

³¹ C. LUZENBERGER. Op. cit., p. 147.

³² L. HURBON. Op. cit., p. 136.

DUSSEL, E. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOWARD, D. Marxisme et philosophie concrete: situation de Bloch, In RAULET, G. (org.) *Utopie-Marxisme selon Ernst Bloch*. Paris: Payot, 1976.

HUDSON, W. . *The marxist Philosophy of Ernst Bloch*. Londo: MacMillan Press, 1983.

HURBON, L. *Ernst Bloch, utopie et espérance*. Paris: Cef, 1974.

LUZENBERGER, C. *Narrazione e utopia: saggio su Ernst Bloch*. Magliano: LER, 2002.

MAESSCHALCK, M. *Normes et contextes*. Hildsheim: Georges Olms Verlag, 2001.

PIRON-AUDARD, C.: Anthropologie marxiste et psychanalyse selon Ernst Bloch. In RAULET, G. (org.) *Utopie-Marxisme selon Ernst Bloch*. Paris: Payot, 1976, p. 109-120.

MARX, K. e F. ENGELS. *Manifesto Comunista*, Rio de Janeiro: Ed. Horizonte, 1945.

_____ o *A ideologia Alemã*, I. Lisboa: Martins Fontes.

MÜNSTER, A. *Figures de l'utopie dans la pensée d'Ernst Bloch*. Paris: Aubier, 1985.

RAULET, G. (org.) *Utopie-Marxisme selon Ernst Bloch - un systeme de l'constructible: hommages à Ernst Bloch pour son 90^e. anniversaire*. Paris: Payot, 1976.

_____ o *Humanisation de la nature, naturalisation de l'homme*: Ernst Bloch ou le projet d'une autre rationalité. Paris: Klincksieck, 1982.

RUYER, R. *L'utopie et les utopies*. Paris: PUF, 1950.

VIEIRA, Antonio Rufino. *O projeto utópico da Filosofia da libertação*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 1988.

ZECCHI, S. *Ernst Bloch: Utopía y esperanza en el comunismo*. Barcelona: Península, 1978.

SZACHI, Z. *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio